

passagem para o ocidente

mohsin hamid

Tradução de Pedro Carvalho e Guerra



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

PARA
NAVED E NASIM

CAPÍTULO 1

Numa cidade repleta de refugiados, mas ainda, acima de tudo, em paz ou, pelo menos, ainda não em guerra declarada, um jovem encontrou-se com uma jovem numa sala de aula e não lhe falou. Durante muitos dias. Ele chamava-se Saeed e ela Nadia e ele tinha barba, não completa, mais do género de uma barba rala cuidadosamente mantida, e ela estava sempre coberta da ponta dos pés ao pescoço por uma túnica preta esvoaçante. Naquela altura, as pessoas continuavam a desfrutar do luxo de usarem mais ou menos o que queriam, no que dizia respeito à roupa e ao cabelo, dentro de determinados limites, claro está, e, portanto, estas escolhas tinham algum significado.

Pode parecer estranho que, em cidades à beira do abismo, os jovens continuem a ir às aulas — neste caso uma cadeira pós-laboral de identidade empresarial e criação de marca — mas é assim que as coisas são, nas cidades e na vida, num momento estamos a tratar das nossas tarefas, como sempre, e no momento seguinte estamos a morrer e o nosso fim iminente não coloca um ponto final nos nossos inícios e meios transitórios até ao momento em que o faz.

Saeed reparou que Nadia tinha um sinal na face, um sinal oval castanho-amarelado que, por vezes, raramente, mas não nunca, mexia com a sua pulsação.

Não muito depois de reparar nisto, Saeed falou com Nadia pela primeira vez. A sua cidade ainda não tinha sentido confrontos significativos, apenas alguns disparos e o estranho carro armadilhado, que foi sentido no peito das pessoas como uma vibração subsónica, como aquelas que são emitidas pelas colunas enormes dos concertos de música, e Saeed e Nadia tinham arrumado os seus livros e estavam a deixar a sala.

Na escada ele virou-se para ela e disse:

— Olha, queres ir tomar um café? — E depois de uma breve pausa, acrescentou, para parecer menos atrevido dada a roupa conservadora dela: — Na cafetaria?

Nadia olhou-o nos olhos.

— Não dizes a oração da noite? — perguntou.

Saeed evocou o seu sorriso mais ternurento.

— Nem sempre. Infelizmente.

A expressão dela permaneceu imutável.

Por isso, ele insistiu, mantendo o sorriso com o desespero crescente de um alpinista condenado.

— Acho que é pessoal. Cada um de nós tem o seu próprio método. Seja homem ou mulher. Ninguém é perfeito. E, de qualquer dos modos...

Ela interrompeu-o:

— Eu não rezo — disse ela.

Ela continuou a olhar fixa e firmemente para ele.

Depois disse:

— Talvez noutra altura.

Ele observou, enquanto ela se afastava para a zona de estacionamento reservada aos alunos e ali, em vez de cobrir a cabeça com um lenço preto, como ele esperava que fizesse, colocou um capacete de mota preto que estava preso a uma mota de *cross* esmurrada com cento e tal de cilindrada, baixou a viseira, subiu para a mota e arrancou, desaparecendo, com um estrondo controlado, no anoitecer.

No dia seguinte, no emprego, Saeed viu-se incapaz de parar de pensar em Nadia. A empresa que empregava Saeed era uma agência especializada em publicidade de exterior. Tinham anúncios por toda a cidade, alugavam outros e celebravam acordos para obter mais espaços junto de empresas de transportes públicos, estádios e proprietários de edifícios altos.

A agência ocupava ambos os pisos de uma moradia transformada e tinha mais de uma dúzia de funcionários. Saeed encontrava-se entre os mais novos, mas o patrão gostava dele e encarregara-o de preparar a apresentação a uma empresa local de sabão que tinha de ser enviada por *e-mail* antes das cinco. Por norma, Saeed tentava fazer uma pesquisa exaustiva na Internet e personalizava as suas apresentações tanto quanto possível. «Não é uma história, se não tiver público», gostava de dizer o patrão, e para Saeed isso significava tentar mostrar a um cliente que a empresa compreendia verdadeiramente o seu negócio, que podia colocar-se verdadeiramente no seu lugar e ver as coisas a partir do seu ponto de vista.

Mas naquele dia, apesar de a apresentação ser importante — todas as apresentações eram importantes: a economia estava lenta devido à crescente instabilidade e um dos primeiros custos que os clientes procuravam cortar era o da publicidade de exterior —, Saeed não se conseguia concentrar. Uma árvore grande, demasiado grande e por aparar, erguia-se a partir dos jardins escuros da moradia da sua empresa, bloqueando a luz do Sol de tal modo que o relvado escuro fora reduzido, na sua maioria, a terra e pequenas manchas de relva, entremeadas pelas beatas de uma manhã de cigarros, pois o patrão tinha proibido as pessoas de fumar no interior, e no cimo desta árvore, Saeed tinha visto um falcão a construir o seu ninho. Trabalhava incansavelmente. Por vezes, pairava ao nível do seu olhar, quase imóvel no vento, e depois, com o mais pequeno movimento de uma asa ou até das penas arrebitadas na ponta de uma asa, desviava-se.

Saeed pensava em Nadia e observava o falcão.

Quando, por fim, começou a ficar sem tempo, apressou-se a preparar a apresentação, copiando e colando de outras que realizara anteriormente. Só um punhado das imagens por ele selecionadas tinha algo a ver com sabão. Levou um esboço ao patrão e tentou esconder um estremecimento, enquanto o fazia deslizar até ele.

Contudo, o patrão parecia distraído e nem reparou. Limitou-se a rabiscar algumas pequenas alterações na impressão, devolveu-as a Saeed com um sorriso tristonho e disse:

— Podes enviar.

Algo na sua expressão fez Saeed sentir pena dele. Gostava de ter realizado um trabalho melhor.

Enquanto o *e-mail* de Saeed estava a ser descarregado de um servidor e lido pelo seu cliente, longe na Austrália, uma mulher de pele pálida dormia sozinha no bairro Surry Hills, em Sidney. O seu marido viajara para Perth em trabalho. A mulher usava apenas uma *t-shirt* comprida, dele, e a aliança. O tronco e perna esquerda estavam cobertos por um lençol ainda mais pálido do que ela; a perna e a anca direitas estavam despidas. No tornozelo direito, pousada na cova do tendão de Aquiles, encontrava-se uma tatuagem azul de um pequeno pássaro mitológico.

A sua casa tinha alarme, mas o alarme não estava ligado. Fora instalado pelos anteriores proprietários, por outros que outrora haviam chamado lar àquela casa, antes de o fenómeno referido como crescimento urbano do bairro se ter estendido até onde agora chegara. A mulher que dormia usava o alarme apenas esporadicamente, na maioria das vezes quando o marido estava ausente, mas, naquela noite, esquecera-se. A janela do quarto, quatro metros acima do chão, estava aberta, apenas uma greta.

Na gaveta da mesa de cabeceira encontrava-se uma embalagem de pílulas contraceptivas que ia a meio, tomadas até há três meses, quando ela e o marido ainda tentavam não conceber; passaportes; livros de cheques; receitas; moedas; chaves; um par de algemas; e algumas pastilhas elásticas por mastigar, embrulhadas em papel.

A porta do roupeiro estava aberta. O quarto era banhado pelo brilho do carregador do computador e do *router* sem fios, mas a porta do roupeiro estava escura, mais escura do que a noite, um retângulo de completa escuridão — o coração da escuridão. E dessa escuridão, emergia um homem.

Também ele era escuro, com pele escura e cabelo lanoso e escuro. Contorceu-se com grande esforço, as mãos agarrando-se a ambos os lados da porta, como se tivesse de se puxar contra a gravidade ou contra a fúria de uma vaga monstruosa. O pescoço seguiu a cabeça, com os tendões esticados, e depois o peito, a sua camisa meio desabotoada, suada, cinzenta e castanha. De repente interrompeu os seus esforços. Olhou em torno do quarto. Olhou para a mulher que dormia, a porta fechada do quarto, a janela aberta. Voltou a concentrar-se, lutando valentemente para entrar, mas num silêncio desesperado, o silêncio de um homem que luta num beco, no chão, à noite muito tarde, para se libertar de mãos em torno do seu pescoço. Mas não havia mãos no pescoço deste homem. Apenas desejava não ser ouvido.

Com um empurrão final, transpôs a porta, tremendo e deslizando pelo chão como um potro recém-nascido. Ficou imóvel, exausto. Tentou não arquejar. Ergueu-se.

Revirou os olhos terrivelmente. Sim: terrivelmente. Ou talvez não tão terrivelmente. Talvez tenham apenas olhado de relance à sua volta, para a mulher, a cama, o quarto. Tendo crescido nas não tão pouco frequentes circunstâncias perigosas em que crescera, tinha consciência da fragilidade do seu corpo. Sabia o quão pouco era necessário para transformar um homem em carne: o golpe errado, o disparo errado, o movimento da lâmina errado, a direção de um carro, a presença de um micro-organismo num aperto de mão, uma tosse. Ele tinha consciência de que, sozinha, uma pessoa não é quase nada.

A mulher que dormia, dormia sozinha. Ele, que se erguia sobre ela, erguia-se sozinho. A porta do quarto

estava fechada. A janela estava aberta. Ele escolheu a janela. Atravessou-a num instante, deixando-se cair suavemente para a rua.

Enquanto ocorria este incidente na Austrália, Saeed estava a comprar pão para o jantar e a dirigir-se para casa. Era um homem de espírito independente, adulto, solteiro, com uma posição aceitável e boa formação, e como era o caso por aqueles dias, na sua cidade, com a maioria dos homens de espíritos independentes, adultos, solteiros, com posições aceitáveis e boas formações, vivia com os pais.

A mãe de Saeed tinha o ar autoritário de uma professora, o que fora anteriormente, e o pai, o ar ligeiramente perdido de um professor universitário, o que continuava a ser — ainda que o fizesse a tempo parcial, pois já tinha ultrapassado a idade oficial da reforma e fora obrigado a procurar trabalho como professor convidado. Ambos os pais de Saeed, há boa parte de uma vida, tinham escolhido profissões respeitáveis num país que acabaria por maltratar os seus profissionais respeitáveis. Segurança e estatuto seriam encontrados apenas noutras ocupações muito diferentes. Saeed tinha nascido tarde, tão tarde que a mãe acreditara que o médico estava a ser insolente quando lhe perguntou se pensava estar grávida.

O seu pequeno apartamento estava situado num edifício outrora belo, cujos ornamentos ruíam agora da fachada, que remontava à era colonial, numa parte da cidade, outrora requintada, atualmente muito povoada e comercial. Tinha sido dividido a partir de um apartamento muito maior e incluía três quartos: dois quartos modestos e um

terceiro aposento que usavam para se sentarem, jantarem, passarem o tempo e verem televisão. Este terceiro quarto também apresentava uma dimensão modesta, mas tinha duas janelas altas e uma varanda estreita e utilizável com vista para um beco e para uma alameda até uma fonte seca, que outrora jorrara água que brilhava à luz do Sol. Era o tipo de vista que podia ser considerada vantajosa durante tempos mais calmos e prósperos, mas que seria a mais indesejável em tempos de conflito, dado que ficaria, literalmente, no caminho das metralhadoras pesadas e dos disparos de foguetes quando os combatentes avançassem para aquela parte da cidade: uma vista que se assemelharia a olhar de frente para o cano de uma espingarda. Localização, localização, localização, dizem os agentes imobiliários. A geografia é o destino, respondem os historiadores.

A guerra iria desgastar em breve a fachada do seu prédio, como se tivesse acelerado o próprio tempo, o peso de um dia ultrapassaria o de uma década.

Quando os pais de Saeed se conheceram, tinham a mesma idade que Saeed e Nadia quando estes se cruzaram também pela primeira vez. O do par mais velho foi um casamento de amor, um casamento entre estranhos, não combinado pelas suas famílias, o que, nos seus círculos, embora tivesse precedentes, era muito pouco comum.

Conheceram-se no cinema, durante o intervalo de um filme acerca de uma princesa desembaraçada. A mãe de Saeed avistou o pai deste a fumar um cigarro e ficou espantada com a sua semelhança com o ator principal do filme. Esta semelhança não era totalmente acidental: embora

fosse algo envergonhado e muito formal, o pai de Saeed penteava-se como as estrelas dos filmes e os músicos daquela época, tal como a maioria dos seus amigos. Mas a miopia do pai de Saeed conjugava-se com a sua personalidade para lhe conferir uma expressão que era genuinamente sonhadora, e isso, compreensivelmente, resultou na mãe de Saeed a pensar que não só se parecia com ele, como o encarnava. Decidiu abordá-lo.

Colocando-se à frente do pai de Saeed, começou a falar animadamente com uma amiga, enquanto ignorava o objeto do seu desejo. Ele reparou nela. Ouviu-a. Reuniu a coragem para falar com ela. E isso, como ambos gostavam de dizer, quando contavam a história do seu encontro, ao longo dos anos, foi tudo.

Os pais de Saeed eram ambos leitores e, de modos diferentes, oradores, e nos primeiros dias do seu romance eram vistos frequentemente em encontros secretos em livrarias. Mais tarde, após o casamento, passavam as tardes a ler juntos em cafés e restaurantes ou, quando estava bom tempo, na varanda. Ele fumava e ela dizia que não, mas muitas vezes, quando a cinza do seu, aparentemente, esquecido cigarro ficava impossivelmente extensa, ela tirava o cigarro dos seus dedos, aparava-o suavemente contra o cinzeiro e dava uma longa e jovial passa antes de o devolver delicadamente.

O cinema onde os pais de Saeed se conheceram já tinha desaparecido há muito na altura em que o filho deles conheceu Nadia, assim como as suas livrarias preferidas e a maioria dos seus queridos restaurantes e cafés. Não que os cinemas e livrarias, restaurantes e cafés tivessem

desaparecido da cidade, só que muitos daqueles que existiam antes já não estavam ali. O cinema que eles recordavam com tanto afeto fora substituído por uma galeria comercial de computadores e periféricos eletrônicos. Este edifício assumira o mesmo nome do cinema que o antecederia: outrora, ambos haviam partilhado o mesmo dono e o cinema fora famoso ao ponto de se ter transformado num sinónimo daquela localização. Quando caminhava junto à galeria e via aquele velho nome no novo sinal luminoso, o pai de Saeed, por vezes, outras vezes a mãe, recordavam e sorriam. Ou recordavam e paravam.

Os pais de Saeed não tiveram relações sexuais até à sua noite de núpcias. Dos dois, a mãe de Saeed foi quem o achou mais desconfortável, mas era também a que estava mais ansiosa e, por isso, insistiu em repetir o ato duas vezes mais antes do amanhecer. Durante muitos anos, o seu equilíbrio manteve-se assim. Em geral, ela era insaciável na cama. Em geral, ele fazia-lhe a vontade. Talvez por não ter, até à conceção de Saeed duas décadas depois, engravidado e ter como tal presumido que não conseguia, podia ter relações com abandono, ou seja, sem pensar nas consequências ou sem as distrações da educação dos filhos. Entretanto, a reação típica dele, durante a primeira metade do casamento, perante os avanços extenuantes dela, era a de um homem agradavelmente surpreendido. Ela achava o bigode, e ser possuída por trás, erótico. Ele achava-a carnal e motivadora.

Depois de Saeed ter nascido, a frequência com que os seus pais mantinham relações sexuais diminuiu

consideravelmente e continuou a diminuir cada vez mais. O útero começou a prolapsar, as ereções tornaram-se cada vez mais difíceis de manter. Durante esta fase, o pai de Saeed começou a ser visto ou a ver-se a si mesmo, cada vez mais, como aquele que tentava iniciar o ato. A mãe de Saeed perguntava-se, por vezes, se ele o fazia por desejo genuíno, hábito ou simplesmente por intimidade. Ela dava o seu melhor por corresponder. Por fim, ele começou a ser frustrado pelo seu próprio corpo, pelo menos, tanto quanto pelo dela.

No último ano da vida que partilharam juntos, o ano que já ia bem adiantado quando Saeed conheceu Nadia, tiveram relações sexuais apenas três vezes. Tantas vezes num ano como na sua noite de núpcias. Mas o pai manteve sempre o bigode, por insistência da mãe. E nunca mudaram, nem uma única vez, de cama: a sua cabeceira, tal como os postes de um balaústre, quase a exigir que a agarrassem.

Naquilo que a família de Saeed chamava a sua sala de estar havia um telescópio, preto e brilhante. Tinha sido oferecido ao pai de Saeed pelo seu pai, e o pai de Saeed tinha-o oferecido, por sua vez, a Saeed, mas uma vez que Saeed ainda não tinha saído de casa, isso significava que o telescópio continuava a estar onde sempre estivera, no seu tripé, num canto, por baixo de um veleiro intrincado que navegava no interior de uma garrafa de vidro no mar de uma prateleira triangular.

O céu sobre a sua cidade tinha ficado demasiado poluído para que fosse possível observar as estrelas. Mas em noites estreladas, após um dia de chuva, o pai de Saeed

puxava, por vezes, do telescópio e a família bebia chá verde na varanda, sentindo uma agradável brisa, e observava, à vez, objetos cuja luz, muitas vezes, fora emitida antes de qualquer um destes três observadores ter nascido — luz de outros séculos que só agora chegava à Terra. O pai de Saeed chamava a isto viagem no tempo.

Numa noite em particular, contudo, de facto na noite após ter tido dificuldade em preparar a apresentação à empresa de sabão, Saeed analisava distraidamente uma trajetória que percorria o horizonte. Na sua lente encontravam-se janelas, paredes e telhados, por vezes estacionários, por vezes zumbindo a uma velocidade incrível.

— Acho que ele está a olhar para raparigas — disse o pai de Saeed à mãe deste.

— Comporta-te, Saeed — disse-lhe a mãe.

— Bem, ele é teu filho.

— Nunca precisei de um telescópio.

— Sim, preferias operar a curto alcance.

Saeed abanou a cabeça e apontou para cima.

— Estou a ver Marte — disse ele. E estava a vê-lo de facto. O segundo planeta mais próximo, os seus traços indistintos, da cor de um pôr do Sol após uma tempestade ao entardecer.

Saeed endireitou-se e pegou no telemóvel, dirigindo a sua câmara para os céus, consultando uma aplicação que indicava os nomes de corpos celestes que não conhecia. O planeta Marte exposto também tinha mais detalhe, embora fosse, claro está, um planeta Marte de outra altura, um planeta Marte ultrapassado, fixo na memória do criador da aplicação.

À distância, a família de Saeed ouviu o som do disparo de uma arma automática, estalos insípidos que, não sendo sonoros, eram, no entanto, claramente transportados até eles. Ficaram sentados um pouco mais. Depois, a mãe de Saeed sugeriu que regressassem ao interior do apartamento.

Quando, finalmente, Saeed e Nadia tomaram café juntos na cantina, o que aconteceu na semana seguinte, após a aula seguinte, Saeed perguntou-lhe acerca da túnica preta conservadora e praticamente nada reveladora.

— Se não fazes as tuas preces — disse ele, baixando a voz —, porque a usas?

Estavam sentados numa mesa para dois à janela, com vista para o trânsito ruidoso, na rua que se estendia por baixo. Os seus telefones descansavam com os ecrãs voltados para baixo entre eles, como as armas de bandidos numa negociação.

Ela sorriu. Deu um gole. E falou, com a parte de baixo do rosto escondido pela chávena.

— Para que os homens não se metam comigo — disse ela.